



miguilim

revista eletrônica do neelii

volume 7, número 2, maio-ago. 2018

A EVIDENCIALIDADE EM COLUNAS JORNALÍSTICAS ESCRITAS EM ESPANHOL



THE EVIDENTIALITY IN JOURNALISTIC COLUMNS WRITTEN IN SPANISH

Renata Pereira VIDAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Brasil

Nadja Paulino Pessoa PRATA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Brasil

Izabel Larissa Lucena SILVA
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 14/06/2018 • APROVADO EM 20/08/2018

Resumo

O presente estudo tem como objetivo investigar, quantitativa e qualitativamente, a manifestação da evidencialidade em língua espanhola no gênero coluna jornalística on-line. Para tanto, toma como suporte teórico-metodológico os postulados da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), que concebe a codificação linguística como um correlato de funções cognitivas e comunicativas, originadas no contexto de produção linguística. Neste estudo, assumimos que a evidencialidade constitui um domínio funcional responsável pela manifestação da fonte da informação ou do modo de obtenção da informação (AIKHENVALD, 2004), podendo exercer funções relacionadas aos níveis representacional e interpessoal da linguagem. Metodologicamente, investigamos a manifestação da evidencialidade em dois periódicos jornalísticos disponíveis on-line (P1 e P2), totalizando aproximadamente 10.000 mil palavras em língua espanhola. Com o auxílio do programa computacional SPSS, analisamos 65 ocorrências em nosso *corpus*. Os resultados revelam a predominância da fonte 'Terceiro definido' e 'Falante'; e do modo de obtenção 'Relato colhido de L2' e 'Inferência por raciocínio lógico'. Tal resultado tem relação com o caráter polifônico e intersubjetivo do gênero em questão, para o cumprimento de fins argumentativos. No que tange aos aspectos morfossintáticos, verificamos que o verbo é a marca mais frequente no *corpus* investigado, ocupando, em geral, a posição medial na "expressão linguística".

Abstract

This paper aims to accomplish a qualitative-quantitative study on the manifestation of evidentiality in the genre online journalistic column in Spanish. In order to do so, it has adopted the postulates of Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) as a theoretical-methodological background, which conceives linguistic codification as a correlate of cognitive and communicative functions, originated in the context of linguistic production. In this study, the assumption that evidentiality constitutes a functional domain responsible for the manifestation of the source of information or of the way of obtaining the information (AIKHENVALD, 2004) has been adopted, being able to perform functions related to the representational and interpersonal levels of language. Methodologically, the manifestation of evidentiality in two journalistic periodicals available online (P1 and P2) has been investigated, comprising approximately 10,000,000 words in Spanish. With the aid of the SPSS software, 65 occurrences were analyzed in our *corpus*. The results reveal the predominance of the 'Third definite' and 'Speaker' source; and the way of obtaining 'Report from L2' and 'Inference by logical reasoning'. This result is related to the polyphonic and intersubjective character of the genre in issue, for the fulfilling of argumentative purposes. Regarding the morphosyntactic aspects, it was possible to verify that the verb is the most frequent mark in the investigated *corpus*, occupying, in general, the medial position in the "linguistic expression".

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Evidencialidade. Gramática Discursivo-Funcional. Coluna. Língua Espanhola.
KEYWORDS: Evidentiality. Functional Discourse Grammar. Journalistic column. Spanish.

1 Introdução

Estudos tipológicos (AIKHENVALD, 2004; ANDERSON, 1986; LAZARD, 2001) têm comprovado que a evidencialidade é um fenômeno linguístico inerente às línguas naturais. Isso significa dizer que a “fonte da informação”, ou “fonte de evidências”, ou “fonte de justificativas” constitui um domínio cognitivo universal, manifestando-se, nas línguas naturais, por meio de itens gramaticais e/ou lexicais. Do ponto de vista conceitual, a evidencialidade tem sido definida como um domínio funcional que diz respeito à fonte da informação ou ao modo de obtenção da informação, o que tem relação com o grau de comprometimento do enunciador.

No que tange à base teórica que orienta o presente estudo, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Para esse modelo de gramática, a descrição linguística se inicia com a intenção comunicativa do falante até chegar aos processos de codificação linguística (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Em outras palavras, considera-se a existência de uma correlação motivada entre a sistematicidade da língua e a instrumentalidade do uso linguístico (DIK, 1997). Ao postular a intenção comunicativa do falante como a “força motriz” por trás da codificação linguística, a GDF assume que a expressão linguística é determinada pelas configurações semânticas e pragmáticas relevantes no contexto de produção linguística.

Tendo em vista, portanto, que a expressão linguística é motivada por fatores cognitivo-discursivos, o presente estudo tem como objetivo investigar a expressão da evidencialidade em língua espanhola no contexto discursivo do gênero coluna de acesso *on-line*. Pretendemos analisar a correlação sistemática entre o domínio linguístico da evidencialidade (funções e meios de manifestação) e as motivações textual-discursivas que restringem o uso/função das estratégias evidenciais em dois periódicos jornalísticos, que, juntos, totalizam aproximadamente 10.000 palavras em língua espanhola.

Do ponto de vista da organização retórica, o artigo está subdividido em quatro subseções. Na seção 2, a seguir, apresentamos os postulados centrais da GDF e sua proposta tipológica para o estudo da evidencialidade. Na seção 3, exibimos os aspectos metodológicos gerais definidos para a investigação da evidencialidade no contexto da coluna de acesso *on-line*. Na seção 4, expomos e discutimos os resultados quantitativos e qualitativos da análise da evidencialidade nas colunas escritas em língua espanhola. Por fim, na seção 5, apontamos nossas considerações finais.

2 Evidenciabilidade na GDF

A base teórico-metodológica que orienta a análise dos dados nesta pesquisa é a da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008)¹ que: i)

propõe uma análise voltada ao ato discursivo², e não à oração; ii) se organiza em torno de uma estrutura modular descendente (*top down*); iii) estabelece uma interface entre os diferentes níveis de organização da gramática (interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico), considerados em termos de decisões comunicativas que o falante faz no ato discursivo; iv) relaciona esses níveis aos componentes conceitual (relativo ao conhecimento de mundo do falante, suas capacidades comunicativa e linguística) e contextual (relativo às informações derivadas da situação de interação que são pertinentes para a interpretação das funções das unidades linguísticas) (SILVA, 2013).

Nesta perspectiva teórica, a evidencialidade é analisada em relação às funções *representacional* (função semântica - proposições e estados de coisas) e/ou *interpessoal* (função comunicativa - conteúdo comunicado). Ao fazer essa distinção, essa proposta teórica permite investigar como as intenções comunicativas determinam as unidades evidenciais e de que maneira estas estão organizadas de acordo com a realidade que descrevem.

A GDF considera quatro subtipos de evidencialidade: *reportativa*, *inferencial*, *genericidade* e *percepção de evento*. Os marcadores reportativos atuam no nível interpessoal, uma vez que servem para indicar que o falante está retransmitindo um conteúdo comunicado por outro falante dentro de seu próprio ato discursivo. No nível representacional, a evidencialidade ocorre nas camadas da proposição e do estado de coisas. Na camada da proposição, ela especifica a maneira pela qual o falante teve acesso à informação contida no conteúdo comunicado (com base em um processo inferencial ou com base em conhecimento acumulado na comunidade). No primeiro caso, temos a evidencialidade inferencial. No segundo caso, é a evidencialidade genericidade que é reconhecida. Na camada do estado de coisas, a evidencialidade corresponde a uma percepção sensorial do falante em relação a um evento. Essa percepção de evento pode ser obtida por meio de uma experiência visual ou não visual (outros sentidos).

No Quadro 1, sintetizamos essa proposta tipológica para o estudo da evidencialidade.

Quadro 1 - Evidencialidade na GDF

NÍVEL	FUNÇÃO	SISTEMA EVIDENCIAL	ESTATUTO CATEGORIAL
Interpessoal	Pragmática	Reportativo	Categoria - C
Representacional	Semântica	Inferencial (visual, não-visual) Genericidade	Categoria - p
		Percepção de Evento	Categoria - e

Fonte: CASSEB-GALVÃO, 2011, p. 325.

Acreditamos que essa proposta tipológica da GDF nos permite considerar a evidencialidade como uma categoria³ verdadeiramente *multifuncional*, no sentido de que a interpretação das funções das unidades evidenciais está relacionada às

decisões comunicativas que o falante faz na construção de seus enunciados. Nesse sentido, podemos analisar a evidencialidade não apenas como uma categoria que manifesta a fonte da informação ou modo pelo qual uma informação foi adquirida, mas também como uma categoria que diz respeito aos graus de comprometimento do falante com o conteúdo de seu enunciado. Outra vantagem teórico-metodológica desse modelo é que, ao considerar o ato discursivo como unidade de análise, a GDF possibilita a descrição da evidencialidade em níveis maiores que a oração, levando-nos a uma investigação mais completa dessa categoria, tendo em vista o contexto textual-discursivo pertinente para sua interpretação funcional.

3 Percurso metodológico: delimitação do *corpus* e estabelecimento das categorias de análise

Com o objetivo de investigar, quantitativa e qualitativamente, a manifestação da evidencialidade em língua espanhola em textos jornalísticos do gênero ‘coluna’, selecionamos dois periódicos⁴ disponíveis *on-line*, os quais denominamos P1 (5095 palavras) e P2 (4945 palavras),⁵ totalizando aproximadamente 10.000 palavras.

A respeito do gênero jornalístico investigado, a ‘coluna’ pode ser definida como um artigo, assinado e publicado com regularidade em um espaço predeterminado, que se caracteriza por sua variedade em todos os sentidos, tendo em vista se tratar de um texto que pode ser racional ou não, falacioso, orientador ou enigmático, analítico ou passional, ajuizativo ou narrativo, mas sempre valorativo e subjetivo, a partir do que postula Carro (2000).

Reyna (1999) também explica que o estilo da coluna pode ser variado (forma narrativa, descritiva, argumentativa, etc. ou uma combinação destas formas, o que ocorre com muita frequência), cuja escolha depende do tipo e função do texto, conforme esclarece também Espinosa (2007, p. 133):

O jornalista que em sua coluna sugere um comentário mediante o uso das palavras, mas não o faz abertamente, utiliza principalmente a forma expositiva; mas se organiza os dados de tal modo que o grau de interesse vai aumentando [...], a forma narrativa resulta mais conveniente; [...] se sua intenção é reproduzir um evento ou ‘pintar’ uma situação, a forma mais adequada é a descritiva; [...] se o propósito do colunista é convencer os leitores com seus comentários, persuadi-los com relação às vantagens e desvantagens de sua proposição central, a forma mais indicada é a argumentação [...].⁶

A ‘coluna’ tem os bastidores da notícia como espaço privilegiado por meio do qual descobre os fatos que estão por acontecer, “[...] pinçando opiniões que ainda não se expressaram ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública”; trata-se de um jornalismo pessoal “[...] intimamente veiculado à

personalidade do seu redator”, de acordo com Melo (2003, p. 140). Segundo Reyna (1999), a coluna possui três características fundamentais: sua periodicidade, titulação fixa (em nome e em tipografia) e seu caráter altamente pessoal e emotivo. Com relação ao conteúdo das colunas, com base na referida autora, o colunista escreve sobre conteúdos conhecidos para os quais não se deu uma devida atenção ou simplesmente relata alguma experiência pessoal aproveitando de um sucesso noticioso, dispondo de uma ampla liberdade de tema (político, econômico, esportivo, social, etc.) para expor sua opinião.

No que se refere à sua estrutura, conforme Reyna (1999), a coluna, como gênero jornalístico opinativo, toma as características gerais do artigo – isto é, possui entrada, desenvolvimento (comentários) e conclusão – que unidas ao tom, linguagem, título espaço e periodicidade fixas, além do tema e da possibilidade de tratar vários em um mesmo texto, dão origem a diferentes tipos de coluna:

- a) *de opinião*, que se aproxima do artigo editorial em virtude de sua forma e tom sério, porém seus juízos de valor são de responsabilidade do colunista, quem firma, embora colunas deste tipo possam vir sem a firma do autor sendo o caráter pessoal do texto que o distingue do editorial e no caso de não haver essa diferença na linguagem, são as qualidades formais, isto é, periodicidade, título e espaço fixo, que nos permitem caracterizá-la como coluna;
- b) *de informação*, que se caracteriza pela predominância da informação por sobre o comentário;
- c) *de humor*, que se caracteriza por sua ironia, sendo seu propósito o divertimento e o entretenimento do leitor;
- d) *de personalidade*, que se ocupa de todas as personalidades que se destacam em determinado momento por certo motivo⁷;
- e) *de ‘revoltillo’*, que se caracteriza por grande variedade de temas e materiais⁸.

Assim, com base em Reyna (1999), há diferentes opções para se escrever uma coluna, uma vez que o colunista pode misturar informação e comentários; usar a informação somente para se referir a um sucesso, sendo os juízos de valor do colunista o que de fato compõe o texto; escrever uma coluna essencialmente informativa, mas com algum comentário para que se produza o efeito opinativo típico desse tipo de texto.

Outra classificação da ‘coluna’ relacionada a um tipo de texto enquanto gênero de opinião, especificamente, é a tratada por Martínez Albertos (1991, p. 375 *apud* CARRO, 2000). O autor divide-a em dois grandes grupos: colunas analíticas e colunas pessoais. As analíticas são aquelas próprias dos jornalistas especializados em algumas áreas que se ocupam do que a notícia como gênero informativo não pode abarcar em virtude de se tratar de um gênero que relata de modo urgente os fatos. A personalidade dos colunistas que escrevem esse tipo de coluna não se baseia no *ingenio brillante*, de acordo com Carro (2000), mas na apresentação clara e inteligente dos assuntos. Trata-se de uma tarefa intelectualizada e que demanda responsabilidade, de modo que requer do

colunista conhecimentos, especialização, contatos, acesso a fontes diversas. Tais colunistas possuem um tom frio, o qual é adequado para o trabalho informativo e interpretativo que desenvolvem, contudo, essas ‘formas de ser’ da coluna analítica não refutam de modo absoluto a condição que possuem de colunas de opinião e o fato de pertencerem ao macro gênero do articulismo, que é, a todo o momento, expressivo e opinativo.

No tocante ao segundo tipo de coluna (as colunas pessoais), Carro (2000) aponta a redundância em se falar de coluna pessoal, uma vez que o fato de ser ‘coluna’ já implicaria seu caráter de ‘pessoal’. A autora percebe a coluna pessoal como um escrito que não cumpre seu papel de orientar o leitor com relação à atualidade, se contrastarmos os dois estilos (analítica e pessoal), o que a faz viver enfrentada à racionalidade do jornalismo⁹. Já não interessa, portanto, contar os acontecimentos do mundo, uma vez que importam ao leitor as vivências e pensamentos dos colunistas, as quais vão proporcionar diariamente “[...] o esparecimento literário, o adorno metafórico da realidade, o «eu» ideológico e sentimental do outro compartilhado” (CARRO, 2000, p. 44-45).¹⁰ Para Espinosa (2007), não constitui tarefa fácil escrever uma coluna, e virtude de requerer não só conhecimento do tema, mas habilidade para projetar uma personalidade forte e atrair, simpatizar e manter a atenção do público.

Acerca das variáveis analisadas no *corpus* Coluna, seguimos a organização em níveis da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) centrando-nos em aspectos relativos ao nível interpessoal, ao representacional e ao morfossintático com base nos elementos contextuais que caracterizam o gênero em questão, conforme mostra o Quadro 2:

Quadro 2 – Categorias de análise segundo aspectos relativos à GDF

Aspecto relativo ao Contexto		
<i>Gênero textual: Coluna de jornal</i>		
Aspectos relativos ao Nível Interpessoal		
<i>Tipo de ilocução:</i> Declarativa, interrogativa, imperativa/exortativa, exclamativa e desiderativa		
Aspectos relativos ao Nível Representacional		
<i>Tipo de fonte da informação:</i> Falante, terceiro definido, terceiro indefinido, genérico (senso comum).	<i>Modo de obtenção da informação:</i> Evidencia sensorial (visual), evidencia sensorial (não visual), inferência por via direta (sensorial ou resultado observável), inferência por raciocínio lógico, relato colhido de L2, relato colhido de L3 e relato colhido na tradição.	
Aspectos do Nível Morfossintático		
<i>Contexto morfossintático da marca evidencial (escopo):</i> Expressão linguística, oração, sintagma e palavra.	<i>Classe morfológica da marca evidencial:</i> Verbo, substantivo, adjetivo, advérbio e preposição.	<i>Ordenação da marca evidencial:</i> Inicial, medial e final.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme vimos no tópico sobre a evidencialidade na GDF, o referido modelo de gramática se constitui de quatro componentes, sendo o 'Gramatical' o principal e os outros três, Componente Contextual, Conceitual e de Saída, auxiliares. Enquanto o Componente Conceitual e o de Saída interagem com partes específicas do Componente Gramatical (o Conceitual com a operação de Formulação e o de Saída com a operação de Codificação, especialmente com o nível fonológico), o Contextual vai interagir com todo o Componente Gramatical, podendo ser, cada aspecto de Formulação e Codificação de unidades linguísticas, sensíveis a fatores do contexto, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2014). Com base nos autores, a interação entre o Componente Gramatical e o Contextual é tão grande que este deveria ser visto como um companheiro do primeiro, colaborando de modo a ser obter produções contextualmente apropriadas.

Dada a importância do contexto, faz-se necessária uma explanação acerca de sua natureza. Para Connolly (2007), o fato de a estrutura da GDF considerar que as expressões linguísticas são produzidas e entendidas em contexto é uma característica admirável, além de importante. De acordo com o autor, entende-se por contexto tudo aquilo que rodeia um discurso, sendo este 'tudo' relevante tanto para a produção como para a interpretação do discurso. A questão do que é considerado relevante depende, de certo modo, do julgamento do analista. O referido autor entende que não se deve pensar que o contexto forma um cenário estático do discurso, uma vez que prossegue; assim, o contexto também vai mudando¹¹e, nesse sentido, as declarações tanto podem ter um impacto sobre o contexto como pode exercer uma influência sobre o discurso.

Connolly (2007) faz as seguintes distinções com relação à categorização de contexto: (i) contexto discursivo *versus* contexto situacional; (ii) contexto físico *versus* contexto sociocultural; (iii) contexto mais estrito *versus* contexto mais amplo; (iv) contexto mental *versus* contexto extramental.

Antes de definir essas dicotomias, é pertinente expor uma definição de contexto linguístico – importante para o entendimento de contexto discursivo – conforme faz Connolly (2007). Entende-se por contexto linguístico todo o discurso relevante que está ao redor do discurso ou fragmento deste que constitui o centro de nossa análise. O tempo e o lugar que supomos relevantes, por exemplo, que constituem o restante do contexto, é situacional.

Tomando como base Connolly (2007), enquanto que o contexto linguístico consiste puramente na linguagem, o contexto situacional representaria todos os fenômenos contextuais que não são linguísticos, e como consequência disso, os aspectos não verbais da comunicação não fazem parte do contexto linguístico. Segundo o autor, esta definição se aplica se estamos satisfeitos com o postulado de que os aspectos não verbais da linguagem constituem elementos extradiscursivos, o que corresponde a uma perspectiva unimodal de discurso. Contudo, o discurso é "inerentemente multimodal", portanto, é necessário lidar com a distinção "contexto situacional" e "contexto discursivo", que correspondem, respectivamente, àquilo que cai fora do discurso atual ou qualquer outro discurso e àquilo que constitui o discurso multimodal relevante circundante que inclui tanto os aspectos verbais (linguísticos) como os não-verbais. Nessa lógica, a partir desse autor, o contexto linguístico, anteriormente definido, segue disponível, porém,

passa a ser um subconjunto do discursivo, uma vez que se divide em duas partes: linguístico e não verbal.

A respeito da distinção (ii), considera-se contexto físico e sociocultural subdivisões do contexto situacional. O primeiro é proporcionado pelo universo material abarcando fatores do contexto como tempo e espaço, enquanto que o segundo se relaciona a fenômenos não materiais, tais como: a organização social, as normas de comportamento, pensamento.

Quanto à distinção (iii), tanto o contexto discursivo como o situacional podem subdividir-se em 'mais amplo' ou 'mais estrito', ambos subdividindo-se em partes linguísticas e não verbais. O contexto discursivo mais estrito corresponderia ao que se conhece como cotexto, isto é, o restante do discurso de um dado discurso fragmentado. Tendo em vista que o contexto de um discurso ou fragmento de discurso é proporcionado por outro discurso ou discursos, conforme Connolly (2007), há um contexto mais amplo, conhecido também como intertexto.

No que tange a essa subdivisão relacionada ao contexto situacional, o mais estrito é fornecido pelos arredores imediatos, como, por exemplo, a sala na qual se dá a interação comunicativa, conforme exemplifica Connolly (2007);¹² já o contexto situacional mais amplo é proporcionado "pelo universo físico e social fora do contexto imediato" (CONNOLLY, 2007, p. 16)¹³.

No que se refere à última distinção citada, o contexto extramental é proporcionado pelo universo externo. Já o mental é relativo ao contexto que está dentro da mente dos produtores, interpretes e inclusive do analista de um discurso ou fragmento deste. Segundo Connolly (2007), o contexto mental é de suma importância tendo em vista que os fatores contextuais só poderão afetar diretamente a produção e interpretação do discurso se estão presentes na mente desses indivíduos. Cabe esclarecer, conforme faz o referido autor, que embora seja razoável postularmos que ambos contextos possuem uma estrutura basicamente semelhante, uma vez que os aspectos externos são representados nas mentes dos participantes do discurso, o contexto mental é mais amplo que o extramental, em virtude de apreender o imaginário, fenômenos reais e eventos, além do que, não corresponde a uma contrapartida exata do contexto extra-mental.

Considerando essa visão 'multi-dimensional complexa'¹⁴ do contexto, o qual, sob uma perspectiva da GDF, condiciona as escolhas no campo linguístico, com base no exposto sobre o gênero coluna (contexto situacional), levantamos as seguintes características relativas aos aspectos contextuais:

- a) conteúdos comunicados com base na opinião pessoal dotados da subjetividade do escritor, o qual possui liberdade no que concerne à temática abordada;
- b) diversidade com relação ao caráter do texto (opinativo, humorístico, informativo, etc.);
- c) diversidade com relação à postura do texto (analítico ↔ passional, orientador ↔ enigmático, etc.);

- d) discurso inteligente, fruto de uma tarefa intelectualizada;
- e) escolha do estilo (mais narrativo, mais argumentativo) com base no tipo e função da coluna, isto é, a partir das intenções do colunista, sejam elas de descrever, narrar ou persuadir.

A primeira relaciona-se ao contexto mental, enquanto que as seguintes a um contexto extramental discursivo mais amplo (intertexto). Para a análise, consideramos outros aspectos contextuais não relativos ao gênero em questão, como a língua natural analisada, o espanhol, que constitui um fator sociocultural e corresponde ao veículo de comunicação nas colunas analisadas, bem como o contexto, referente ao contexto discursivo, porém mais estrito.

No tocante aos dados quantitativos da pesquisa, lançamos mão do programa *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, para a elaboração dos gráficos, quadros e tabelas. A análise qualitativa, isto é, a discussão, foi feita com base na teoria funcionalista da linguagem da Gramática Discursivo-Funcional.

4 **Análise de Evidencialidade em colunas escritas em língua espanhola**

Com base no nosso *corpus* de análise¹⁵, encontramos 65 ocorrências da evidencialidade em colunas de jornais escritas em língua espanhola. Se compararmos a coluna, com a notícia e o artigo em j-blogs¹⁶, percebemos que a evidencialidade se faz pouco presente nesse gênero, em virtude da própria característica do texto de citar as fontes para a fidedignidade das informações. A coluna, por se tratar de um gênero opinativo que tem como base o ponto de vista e as impressões do autor, muitas vezes não marca explicitamente a fonte da informação, uma vez que é facilmente deduzível e recuperável levando em consideração as características do gênero, nas quais se destaca o caráter pessoal do texto. Desse modo, a evidencialidade parece constituir uma estratégia de caráter mais intersubjetivo, ligado ao caráter polifônico do texto, para o cumprimento de fins argumentativos.

No tocante aos aspectos do nível interpessoal, a maioria das ocorrências foi do tipo ‘declarativa’, uma vez que, no gênero, o colunista escreve sobre conteúdos a fim de expor informações e juízos de valor. Encontramos somente um caso com outro tipo de ilocução, que foi a ‘exclamativa’, conforme mostra o caso (1):

- (1) *Cómo* no acordarme ahora **de** la España en marcha de Gabriel Celaya: "Españoles con futuro / y españoles que, por serlo, / aunque encarnan lo pasado no pueden darlo por bueno"¹⁷. (*Jornal P2*)

Em (1), temos a expressão da marca evidencial mediante a preposição ‘de’, sendo sua função a de indicar a origem, neste caso, da informação, isto é, a fonte, que é ‘*Grabiel Celaya*’. Classificamos como exclamativa, embora se trate na verdade de uma exclamação e interrogação ao mesmo tempo, uma vez que apresenta um matiz de indagação também, já que ‘*cómo*’ pode aparecer em enunciados

exclamativos nos quais tem um valor causal, segundo o DPD (REAL ACADEMIA..., 2017)¹⁸, o que corresponde a uma característica admitida pela língua analisada.

No que tange aos aspectos relativos ao Nível Representacional, houve um destaque da fonte 'Terceiro definido' (56,9% de 65 casos), seguida de 'Falante' (30,8% de 65 casos); e do modo de obtenção 'Relato colhido de L2' (69,2% de 65 casos), seguido de 'Inferência por raciocínio lógico' (23,1% de 65 casos). As fontes 'Terceiro indefinido' (6,2% de 65 casos) e 'Genérico' (6,2% de 65 casos), bem como os modos de obtenção 'Evidência sensorial não visual' (1,5% de 65 casos) e 'Relato colhido na tradição' (6,2% de 65 casos) representaram poucos casos. Não houve manifestação do modo de obtenção 'Evidência sensorial visual', resultado que atribuímos ao caráter pessoal do gênero dos textos que compõe o *corpus*, o que revela que o falante lança mão de seu conhecimento de mundo na construção de argumentos e na inferência de informações. O caráter jornalístico, além de pessoal, dos textos do *corpus* também parece condicionar o uso das fontes: 'Terceiro definido' – e conseqüentemente o modo de obtenção 'Relato colhido' – tendo em vista a correspondência – uma vez que lança mão de sucessos noticiosos; e 'falante', em virtude de se tratar de um texto que tem como base o ponto de vista do autor. Ou ainda devido a esse gênero também ter um forte apelo polifônico, relacionado aos pontos de vista em relação às questões tratadas, ou seja, com as controvérsias das questões abordadas.

Vejamos, nos casos (2) a (6), os tipos de fonte e os modos de obtenção que se manifestaram em nosso *corpus*:

Em (2), encontramos dois casos de fontes 'terceiro definido' marcadas pelos verbos *dicendi* 'decir' e 'añadir' no pretérito imperfeito do indicativo. A fonte, para os dois casos, é o sintagma nominal 'Groucho'.

- (2) **Decía Groucho**, o alguien muy cercano a él, que lo más importante es la honestidad. Y **añadía**: "Antes hay que aprender a fingirla, claro". La frase, fuera ironías, da con la clave de lo que hemos olvidado: la sinceridad se aprende (...) ¹⁹. (*Jornal P1*)

Na manifestação da evidencialidade com o verbo 'decía', o conteúdo comunicado, obtido por meio de 'Relato colhido de L2', se apresenta na forma de discurso indireto, o que representa, mesmo com a marcação definida de fonte, uma credibilidade comprometida no que diz respeito à informação, uma vez que se trata de um discurso²⁰ parafraseado do original. Vemos que o falante/colunista, após acabar de citar a fonte, coloca-a em incerteza, o que não significa dizer, ao julgar pelo efeito humorístico que se revela no fragmento, que o falante de fato tem dúvidas sobre a origem da informação, se considerarmos as características do gênero coluna no que tange ao caráter do texto. Na marcação com o verbo 'añadía', para a qual se aplicam as mesmas considerações a respeito da fonte e modo de obtenção, temos o conteúdo comunicado em forma de discurso direto, que indica que a informação é tal como disse a fonte, conferindo, desta vez, maior credibilidade à informação. Tais recursos parecem indicar um contínuo de credibilidade/fidedignidade ao conteúdo reportado.

Em (3), a manifestação ocorre mediante o advérbio 'francamente', que revela tanto a fonte como o modo de obtenção, uma vez que se infere a partir do

significado da marca evidencial, a qual traz uma atitude do falante, indicando sua postura sincera, livre de fingimentos, que se trata do falante marcando sua opinião, inferida por meio de raciocínio lógico, com base em sua informação pragmática, isto é, seu conhecimento de mundo.

- (3) Martos debería por lo menos disimular su odio a sus superiores, pues es **francamente** inoportuno que un editor se dedique a insultar a escritores a los que debería respetar y procurar atraer a su sello, para prestigiarlo.²¹ (*Jornal P1*)

Partindo do pressuposto da GDF de que as escolhas feitas pelo falante no terreno morfossintático são condicionadas pelas suas intenções comunicativas, vemos que, na ocorrência (3), o falante intencionalmente se reafirma como fonte da informação, embora seja recuperável contextualmente. Assim, o uso do advérbio 'francamente' tem a função não apenas de reiterar a fonte (o colunista), mas, principalmente, revelar a opinião particular dele em relação à informação apresentada, o que está relacionado ao caráter opinativo da coluna.

Em (4), temos uma fonte do tipo 'Genérico', identificado a partir do adjetivo em posição predicativa 'sabido', que indica que se refere a uma informação originada do senso comum limitado e relativo àqueles que compartilham a informação com relação a Umbral. Quanto ao modo de obtenção da informação, trata-se de um 'Relato colhido na tradição'.

- (4) Como bien **es sabido**, Umbral brujuleaba poco por la calle que decía conocer tan bien y tuvo siempre una relación de recelo hacia los más jóvenes.²² (*Jornal P2*)

No que tange à evidencialidade "genericidade", segundo Silva (2013), sua função é "preparar o terreno" para a adesão de um argumento. No caso da ocorrência (4), o colunista se apresenta como alguém que compartilha as mesmas bases epistêmicas que seu público leitor. Essa estratégia exprime, no contexto em questão, um efeito de sentido de proximidade entre colunista e leitor, no sentido de que, entre eles, há uma espécie de "intimidade" social, cultural, histórica ou ideológica.

Em (5), a evidencialidade expressa pelo verbo 'opinar' no presente do indicativo apresenta a fonte marcada pelo pronome indefinido 'uno', e, portanto, classifica-se como do tipo 'terceiro indefinido', uma vez que não especifica a origem da informação. O modo de obtenção é do tipo 'relato colhido de L2'.

- (5) ¿Ha contraído Quiroga una cepa galopante del síndrome de Estocolmo que la empuja a entenderse con los testaferreros de quienes quisieron matarla? **Uno, modestamente, opina** que en absoluto.²³ (*Jornal P1*)

Embora se trate de uma fonte 'terceiro indefinido', em (5), a presença do advérbio 'modestamente' pode indicar que a fonte é o falante a partir de duas possibilidades: (i), que esse 'uno' é o próprio falante, que opta por esse tipo de fonte não porque queira se isentar com relação ao que diz - inclusive porque o próprio gênero desmarcara qualquer tentativa de isenção, tendo em vista seu caráter pessoal - mas para causar determinado efeito no seu texto; (ii), que a

construção expressa de certa forma a opinião do falante com relação ao que pensa a fonte ‘uno’, como se ele estivesse inferindo que determinada pessoa opina isso, com base em suas observações, conclusões.

Em (6), manifesta-se a fonte do tipo falante, já vista em casos anteriores e o modo de obtenção ‘Evidencial sensorial’.

- (6) La primera vez que tuve la sensación de estar ante un pueblo humillado fue cuando de niño *oí* a los adultos implorar a Dios en procesión: “¡No estés eternamente enojado!²⁴ (*Jornal P2*)

Com relação a esse tipo de modo de obtenção, em nosso *corpus* só detectamos um único caso. A fonte falante, recuperada pelo morfema de flexão verbal de primeira pessoa do pretérito indefinido, obteve a informação mediante percepção auditiva, a qual se enquadra no modo de obtenção ‘Evidencia sensorial (não visual)’. Ainda que tal verbo possa ser visto como uma evidencialidade relatada, parece-nos que a estrutura de discurso direto reforça nossa interpretação de que o verbo, nesse caso, é perceptual.

No que concerne à alta frequência dos modos de obtenção ‘Relato colhido de L2’ e ‘Inferência por raciocínio lógico’, há uma correspondência entre fonte do tipo ‘Terceiro definido/indefinido’ e modo obtenção ‘Relato colhido de L2’, e uma relação de tendência entre fonte ‘falante’ e modo de obtenção ‘inferência por raciocínio lógico’, de acordo com a Tabela 1.

Assim, sempre que se deem as fontes ‘terceiro definido’ e ‘terceiro indefinido’, haverá o modo de obtenção relato colhido de L2 (ou de L3 em casos de terceiro indefinido), uma vez que o falante reporta informações (colhe relatos) de terceiros. Todavia, esse modo de obtenção também é possível no caso da fonte ‘Falante’, tendo em vista que pode reportar a si mesmo, conforme mostra o caso (7):

- (7) Y más allá del escándalo, otro más, que supone que algunos jueces desautoricen en secreto la actuación de la fiscalía y de su propio tribunal en un caso cargado de repercusiones políticas, su actitud me parece admirable. Y lo digo.²⁵ (*Jornal P2*)

Em (7), a fonte, que é o próprio falante, é reportada pelo verbo ‘dizer’, que, conjugado no presente do indicativo, toma como escopo todo o enunciado ‘*su actitud me parece admirable*’, que é retomado mediante a construção ‘lo’, que funciona como pronome átono de objeto direto. Essa opção do falante no que diz respeito aos elementos do nível morfosintático disponíveis na língua espanhola para marcar-se como fonte da informação mostra que ele está certo de seu conteúdo comunicado, em virtude de optar por um verbo *dicendi*, o qual reforça seu ponto de vista respeito à atitude (*me parece admirable*).

A respeito da classe morfológica, do contexto morfosintático e da ordenação da marca evidencial, aspectos do nível morfosintático, destacaram-se a classe ‘verbo’, o contexto ‘expressão linguística’ e a ordenação ‘medial’.

Com relação à classe morfológica, especificamente, o verbo representou 83,1% dos casos, seguido da preposição, com 6,2%. O 'Adjetivo' representou 4,6% dos casos, enquanto que as classes 'Substantivo' e 'Adverbo' representaram cada uma 3,1% das ocorrências encontradas em nosso *corpus*.

Atribuímos o elevado uso da classe 'verbo' (83,1%), que incluem as locuções verbais, aos tipos de fontes mais recorrentes nas colunas, uma vez que, com base no cruzamento 'fonte e classe', observamos que os falantes (colunistas), na maioria dos casos, optam por codificar a evidencialidade mediante verbos com fonte 'Terceiro definido' e 'falante', as mais recorrentes em nosso *corpus*, o que resultou na alta frequência do verbo, conforme podemos constatar na Tabela 1:

Tabela 1 - Cruzamento entre 'Fonte' e 'Classe morfológica' em colunas escritas em espanhol

		CLASSE MORFOLÓGICA					Total
		Verbo	Substantivo	Adjetivo	Advérbio	Preposição	
Fonte	Falante	14	1	2	2	1	20
	Terceiro definido	35	0	0	0	2	37
	Terceiro indefinido	3	0	0	0	1	4
	Genérico	2	1	1	0	0	4
Total		54	2	3	2	4	65

Fonte: Obtido do SPSS a partir das análises das autoras.

O resultado também se relaciona aos aspectos contextuais do gênero, visto que os verbos encontrados são do tipo *dicendi*, cognição e modalidade epistêmica. Logo, por se tratar de um contexto no qual o falante coloca seu ponto de vista, espera-se o uso de verbos indicadores de modalidade epistêmica, inclusive os de cognição, como 'saber', 'entender', 'concluir'²⁶ (presentes em nosso *corpus*). Além disso, por lançar mão de sucessos noticiosos, o que demanda intelectualidade, logo, embasamento, faz-se necessário o uso de citação de terceiros - como os próprios resultados mostram - mediante verbos de elocução.

Os seguintes casos (8-11) mostram a manifestação da evidencialidade por cada uma das classes morfológicas manifestadas em nosso *corpus*.

- (8) Yo no **creo** que Quiroga quiera olvidar la lucha heroica del PP vasco, que por otro lado corre paralela a su biografía, sino que precisamente porque la recuerda aspira a normalizar el papel de su partido en la Euskadi postterrorista.²⁷ (Jornal P1)
- (9) Es obvio que los independizados lo serían de la Constitución española y por lo tanto no se ve cómo podrían beneficiarse de lo que dispondría esa Constitución arrasada.²⁸ (Jornal P1)

- (10) Que el 'prusés' sea una psicopatología, una neurosis compuesta de orgullo herido, complejos de superioridad y de inferioridad, codicia, retentiva anal, adoctrinamiento y unas gotitas de angostura, es una evidencia que ya he diagnosticado antes y de la que cada día nos da nuevos ejemplos.²⁹ (Jornal P1)
- (11) Para Quiroga solo hay una cosa peor que la desautorización de su partido y la queja de las víctimas del terrorismo: el elogio de los verdugos.³⁰ (Jornal P1)

Em (8) a expressão da evidencialidade ocorre com o verbo 'creer', o qual revela que se obteve a informação a partir de um processo inferencial, baseado nos conhecimentos prévios do falante. A partir deste verbo de opinião, o falante modaliza epistemicamente seu enunciado, uma vez que o avalia no que diz respeito à sua verdade, ao mesmo tempo em que o comunica, sendo, portanto, a fonte da informação. Neste caso, o falante utiliza o advérbio 'no', negando a sua crença com relação ao conteúdo comunicado, que se trata de um enunciado afirmativo ("yo no creo que *Quiroga queira olvidar [...]*"). Desse modo, podemos admitir a seguinte paráfrase: "Yo creo que *quiroga no quiere olvidar [...]*"³¹, sendo a última informação sublinhada o que de fato o falante comunica.

Em (9), a fonte (falante), bem como o modo de obtenção são marcados pelo adjetivo em posição predicativa 'obvio', que também indica que se tratou de um processo inferencial, fácil de ser realizado, considerando o significado de obvio (algo claro, explícito).

Em (10), vemos a manifestação evidencial por meio do substantivo 'evidencia', no sentido de certeza, daquilo que está claro, que indica que a fonte falante também obteve a informação por meio de uma inferência, a partir de sua percepção com relação à psicopatologia, neurose composta de orgulho ferido, etc.

A marcação da evidencialidade em (11) se dá com a preposição 'para', que indica que a fonte da informação é um terceiro definido representado pelo sintagma nominal 'Quiroga'. A evidencialidade também ocorreu mediante a classe morfológica advérbio, conforme podemos ver no caso (3), com a construção 'francamente'.

Acerca do contexto morfológico, a 'Expressão linguística' foi a mais recorrente, com 60% dos casos, seguida de 'Oração', com 35,4%. O contexto 'sintagma' representou apenas 4,6% dos casos e não houve manifestação dos outros contextos.

Nos casos (12) a (15), exemplificamos cada tipo de contexto presente no nosso corpus.

- (12) Por mi conocimiento de las esquelas ***llegué a la conclusión*** de que allí *había* tomate.³² (Jornal P1)
- (13) Se pasan tres páginas y Ramos, el defensa a su pesar, ***advierte*** a Benítez de que, por dios y de nuevo, "las cosas a la cara".³³ (Jornal P1)

No caso (12), o contexto morfossintático da estratégia evidencial é a oração, uma vez que a marca '*llegué a la conclusión*' toma como escopo a oração com o

verbo *'haber'* no pretérito imperfeito do indicativo. Já no caso (13), embora não haja nenhum verbo explícito no conteúdo comunicado, consideramos que o contexto é a oração, já que se subentende um verbo *dicendi*, o qual inclusive pode ser recuperado pelo próprio contexto, tendo em vista que o falante já havia produzido anteriormente o seguinte enunciado: *si tiene lo que hay que tener le diga "las cosas a la cara"*.

(14) Pero ***está visto*** que no *aprendemos* nada si *desdeñamos* tanto el talento emergente que *vamos a ahogarlo* a fuerza de *impedir* que se exprese.³⁴ (*Jornal P2*)

(15) Tenemos conflicto en Cataluña para mucho tiempo. Aquí sí vale lo que ***se decía*** haciendo un mal uso del castellano en Euskadi: "El conflicto vasco".³⁵ (*Jornal P2*)

Em (14), a marca 'está visto' toma como escopo uma expressão linguística, em virtude de apresentar mais de um verbo ('aprender' e 'desdeñar', no presente do indicativo; perífrase 'ir + a + ahogar'; 'impedir', na forma impessoal, formando uma oração reduzida de infinitivo). Em (15), dá-se um contexto morfológico do tipo 'Sintagma' (nominal).

Parece-nos que os contextos 'expressão linguística' e 'oração', os mais frequentes em nosso *corpus*, justificam-se em virtude das características da coluna jornalística, que se trata de um gênero opinativo e que pode apresentar um caráter persuasivo, tanto por parte do colunista, que é quem pode causar o efeito persuasivo, como também por parte do leitor, que pode desejar/ansiar, de certa maneira, ser persuadido, visto que busca esse tipo de gênero com o interesse nas percepções de mundo de quem escreve, de modo a ter acesso ao 'eu', tanto ideológico como sentimental, do outro, com base em algumas características do gênero levantadas no tópico da metodologia. Desta forma, espera-se um conteúdo comunicado capaz de produzir desde simplesmente argumentos, com a exposição da subjetividade do escritor com relação a sucessos noticiosos até efeitos de persuasão.

Com relação à ordenação da marca evidencial, destacou-se a do tipo 'Medial' com 63,1%, seguida da 'Inicial', com 33,8%. A posição final representou somente 3,1% dos casos.

Com base em Silva (2013), consideramos a ordenação inicial quando o marcador evidencial está antes da fonte e do conteúdo comunicado. A posição medial ocorre sempre quando a marca estiver entre a fonte e o conteúdo (nesta ordem ou inversamente) ou intercalando com o conteúdo. A posição final ocorre sempre que a marca estiver depois da fonte e do conteúdo expresso. Nos casos de fontes recuperadas pela desinência verbal, considera-se, para a classificação, somente a marca em si e o conteúdo, como podemos ver no caso (16):

(16) ***Pensamos*** que nos movíamos más y no es cierto. Estamos silenciando a los que vienen detrás, a los que tienen la edad de ser nuestros hijos, a fuerza de pagarles sueldos miserables, de mantenerlos como eternos becarios.³⁶ (*Jornal P2*)

Em (16), a marcação ocorre mediante o verbo 'pensar' no presente do indicativo em uma posição inicial. A fonte, embora não esteja marcada explicitamente, é recuperada pela desinência '-mos', que indica se tratar da primeira pessoa do plural. Não classificamos como medial em virtude de haver efeitos diferentes quando o falante opta pela elisão do sujeito ou quando escolhe marcá-lo explicitamente, além do que, primeiramente, vemos a marca, e logo, a partir dela, recuperamos a fonte.

Em (17), vemos a manifestação da categoria evidencialidade com o verbo 'decir' no pretérito perfeito do indicativo em uma posição final, uma vez que está após a fonte, recuperada pela partícula 'se', e ao conteúdo comunicado. Nesse caso, considerando o contexto, a construção 'se', ao contrário de indefinir a fonte - já que é o que se espera tendo em vista se tratar de uma construção impessoal - marca seu caráter genérico, o qual é reforçado pelo advérbio '*siempre*' ('sempre').

(17) Hay edades paratodo. Siempre **se ha dicho**. Hay una edad para luchar contra los tópicos, y está bien que así sea. Y otra en que se va admitiendo que algo de razón llevaban.³⁷ (*Jornal P2*)

Em (18), dá-se a posição medial, visto que a marcação 'dice' se encontra entre o conteúdo comunicado reportado expresso mediante um discurso direto e retomado pelo pronome complemento direto 'lo' e a fonte definida.

(18) "No seas tú mismo. Sé una pizza. A todos nos gusta la pizza". Lo **dice** Este libro te quiere, el manual de antiayuda de PewDiePie (Ed. Malpaso).³⁸ (*Jornal P1*)

No que diz respeito às motivações que justifiquem a opção do falante pelas posições inicial, medial e final na marcação da evidencialidade, salientamos que a ordenação pode advir de razões pragmáticas diversas, como, por exemplo, a focalização de um elemento com relação a outro, que leva o falante a se desviar da ordem marcada Sujeito (fonte)-Verbo (marcador evidencial)-Objeto (conteúdo comunicado)³⁹ na língua espanhola, a qual inclusive justifica a alta frequência da ordenação medial. Além disso, essa ordem tem relação com a necessidade de antecipar a informação nova em relação à informação dada. Trata-se de uma posição medial não marcada - tendência para um alinhamento icônico entre a fonte, o sujeito e o tópico discursivo, que é diferente da posição medial marcada, quando o conteúdo toma o lugar da fonte, como em (18).

Há também posições que se relacionam com determinadas marcas ou inclusive com determinados tipos de fonte e, portanto, são esperadas, de acordo com o que podemos observar nos Gráficos 3 e 4:

Gráfico 3 – Cruzamento ‘Ordenação’ e ‘Classe morfológica’

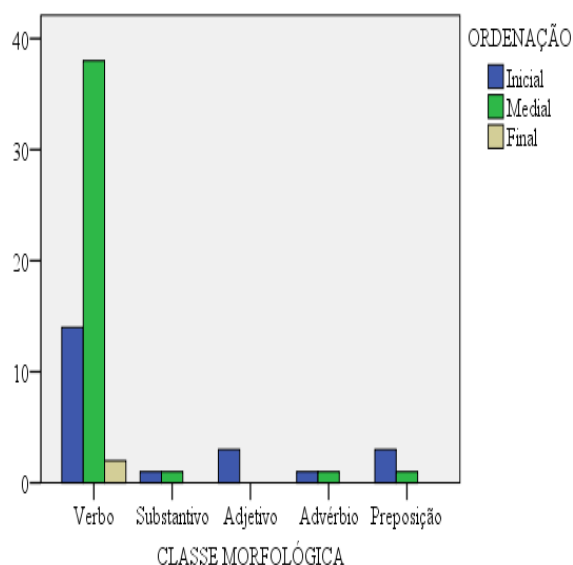
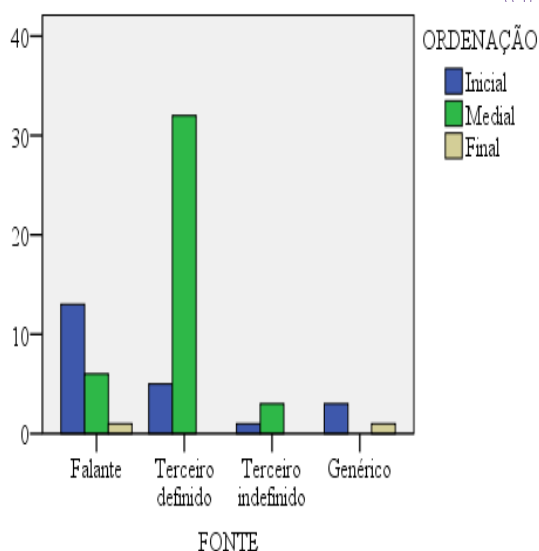


Gráfico 4 – Cruzamento ‘Ordenação’ e ‘Fonte’



Fonte: Obtidos do SPSS a partir das análises das autoras.

O falante, ao colocar-se como fonte, pode ocultar ou não o pronome sujeito, conforme esclarecemos. A partir do Gráfico 4, vemos que a fonte falante se relaciona mais à ordenação inicial, uma vez que a língua espanhola pode expressar a fonte por meio da desinência do verbo. Nos casos das fontes definida e indefinida, em nosso *corpus*, a posição medial ocorre em maior medida, enquanto que, na fonte genérica, destaca-se a posição inicial. No Gráfico 3, podemos constatar a relação entre 'ordenação' e 'classe morfológica'. No caso da classe verbal, ela ocorre consideravelmente na posição medial, tendo em vista a ordem não marcada da língua espanhola (SVO). Preposições, e especialmente adjetivos, se manifestam nas ordenações iniciais, enquanto que substantivos e advérbios não se relacionam melhor com uma ordenação específica. Ponderamos que as relações mais significativas são as que ocorrem nos casos de fontes do tipo terceiro definido e falante e classe morfológica verbo, muito frequentes em nosso *corpus*. Nos outros casos de fonte e classe, não houve ocorrências com um número significativo que permitam generalizações.

5 Considerações finais

Neste trabalho, tivemos o objetivo de analisar a manifestação da evidencialidade em colunas escritas em língua espanhola. Para tanto, lançamos mão do suporte teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (2008), que considera a expressão linguística como a motivação de forças cognitivas e comunicativas. Segundo essa perspectiva teórica, a evidencialidade constitui

domínio funcional relacionado à fonte da informação ou ao modo de obtenção da informação, podendo ser expressa por meio lexical ou gramatical.

No *corpus* analisado, verificamos a predominância da evidencialidade reportativa de fonte definida e da evidencialidade inferencial, no qual o colunista/falante apresenta-se como fonte da informação. Tal resultado, a nosso ver, tem relação com os efeitos pretendidos no gênero coluna. Como vimos, tal prática social está ligada aos bastidores da notícia, caracterizando-se como meio para a orientação da opinião pública a respeito dos assuntos/fatos de que trata, segundo certa orientação argumentativa. Sendo assim, além de demandar, por parte do colunista, responsabilidade em relação às fontes apresentadas, constitui contexto discursivo-pragmático favorável para a manifestação das opiniões do colunista, que, em tom pessoal, revela sua visão de mundo.

No que se refere aos meios de expressão da evidencialidade, observamos a predominância do verbo como forma linguística mais típica de manifestação da evidencialidade no gênero em questão. Ademais, a expressão linguística constitui o enquadramento sintático mais favorável para a expressão desse tipo de estratégia no contexto investigado. Quanto à posição que ocupa no enunciado, constatamos que a posição medial é a mais frequente, o que revela uma tendência para uma relação icônica entre o contexto pragmático e o contexto morfossintático.

Esperamos, dessa forma, ter contribuído com os estudos descritivos em língua espanhola, em particular com aqueles que visam à descrição de domínios funcionais numa perspectiva da linguagem em uso.

Notas

¹ Doravante GDF. A GDF constitui uma expansão da Gramática Funcional (doravante GF), de Simon Dik (1997).

² Os autores definem o ato discursivo como um comportamento mínimo comunicativo.

³ Neste trabalho, utilizamos o termo “categoria” em sentido amplo, como um conjunto de meios (lexicais, gramaticais ou em processo de gramaticalização) que se prestam à função de indicação da fonte da informação ou do modo de obtenção de uma informação.

⁴ Como justificativa de seleção dos periódicos, utilizamos os dados da Associação para Investigação de Meios de Comunicação (AIMC, 2017), que indica esses dois periódicos como os mais lidos com relação ao tema ‘atualidades’.

⁵ Cf. Prata et al. (2017).

⁶ Tradução nossa: “El periodista que en su columna sugiere un comentario mediante el uso de las palabras, pero no lo hace abiertamente, utiliza principalmente la forma expositiva; pero si ordena los datos de tal manera que el grado de interés va en aumento (suspense), la forma narrativa resulta más conveniente; [...] si su intención es reproducir un suceso o “pintar” una situación, la forma del discurso adecuada es la descriptiva; [...] si el propósito del columnista es convencer a los lectores con sus comentarios, persuadirlos respecto de las ventajas y desventajas de su proposición central, la forma indicada es la argumentación [...]”.

⁷ Esse tipo de coluna pode tratar de uma classe como funcionários públicos, de um famoso, de um esportista ganhador de um prêmio, etc.

⁸ Nesse tipo de coluna, o escritor pode fazer diferentes combinações, como, por exemplo, comentar algum fato em tom editorial e em seguida mudar de tema inserindo poesia ou epigrama e logo fazer com o mesmo tom sério ou picaresco outro comentário.

⁹ Carro (2000) deduz esse conceito de coluna a partir de uma série de definições deste gênero colocadas por López Hidalgo (1996).

¹⁰ Tradução nossa: “[...] el esparcimiento literario, el adorno metafórico de la realidad, el «yo» ideológico y sentimental del otro compartido”.

¹¹ Connolly (2007) nos atenta para o fato de que isso não significa dizer que durante o seguimento do discurso todo o contexto mudará.

¹² O autor usa a terminologia de Hymes (1972) para contexto físico mais estrito como o 'cenário' e contexto sociocultural mais estrito como a "cena".

¹³ Tradução nossa: "by the physical and social universe outside of the immediate context."

¹⁴ Construção utilizada por Connolly (2007).

¹⁵ Para ver todos os dados quantitativos apresentados, acesse: <<https://www.dropbox.com/s/qxtsna08yqmkgx9/DADOS%20EXTRA%C3%8DDOS%20DO%20S PSS%20COLUNA.pdf?dl=0>>.

¹⁶ Cf. Caldas (2016) e Silva (2017).

¹⁷ Tradução nossa: “Como não me lembrar agora da Espanha em marcha de Gabriel Celaya: Espanhóis com futuro / e espanhóis que, por serem / embora encarnem o passado não podem considera-lo bom”.

¹⁸ Segundo o DPD (REAL ACADEMIA..., 2017), “é habitual o uso de ‘cómo’ mais o adverbio ‘no’, com o significado afirmativo de ‘sí, claro’, tratando-se na verdade de uma construção abreviada de enunciados exclamativos mais amplos nos quais o ‘cómo’ apresenta um valor causal, conforme mostra o exemplo: “¡Cómo no vas a poder echar un vistazo! [= por qué no vas a poder echar un vistazo]”.

¹⁹ Tradução nossa: “Dizia Groucho, o alguém muito próximo a ele, que o mais importante é a honestidade”. E adiciona: “Antes há que aprender a fingi-la, claro. A frase, fora ironias, da conta do que já esquecemos: a sinceridade se aprende [...]”.

²⁰ A palavra *discurso* está no sentido de ‘lingua(gem) em uso’, conforme explica Pessoa (2011).

²¹ Tradução nossa: “Martos deveria pelo menos dissimular seu ódio a seus superiores, pois é francamente inoportuno que um editor se dedique a insultar a escritores aos quais deveria respeitar e procurar atrair a seu selo, para prestigiá-lo”.

²² Tradução nossa: “Como bem é sabido, Umbral bruxuleava pouco pela rua que dizia conhecer tão bem e teve sempre uma relação de receio para com os mais jovens”.

²³ Tradução nossa: “Contraí Quiroga uma cepa galopante da síndrome de Estocolmo que a empurra a se entender com os testas-de-ferro de quem quiseram matá-la? Um, modestamente, opina que em absoluto”.

²⁴ Tradução nossa: “A primeira vez que tive a sensação de estar ante um povo humilhado foi quando na infância ouvi os adultos implorarem a Deus em procissão: Não estejas eternamente irritados!”.

²⁵ Tradução nossa: “E mais além do escândalo, outro mais, que supõe que alguns juízes desautorizem em segredo a atuação da promotoria e de seu próprio tribunal em um caso carregado de repercussões políticas, sua atitude me parece admirável. E o digo”.

²⁶ Não houve manifestação da evidencialidade mediante o verbo ‘concluir’, mas por médio da locução verbal ‘llegué a la conclusión’, que equivale a ‘conclui que’.

²⁷ Tradução nossa: “Eu não creio que Quiroga queira esquecer a luta heroica do PP Vasco, que por outro lado corre paralela a sua biografia, mas sim precisamente porque a lembra aspira a normalizar o papel de seu partido na Euskadi pós-terrorista”.

²⁸ Tradução nossa: “É obvio que os independentes seriam da Constituição espanhola e, portanto, não se vê como poderiam se beneficiar do que disporia essa Constituição arrasada”.

²⁹ Tradução nossa: “Que o ‘prusés’ seja uma psicopatologia, uma neurose composta de orgulho ferido, complexos de superioridade e de inferioridade, cobiça, retentiva anal, doutrinação e umas gotinhas de angostura, é uma evidencia que diagnostiquei antes e da que cada dia nos dá novos exemplos”.

³⁰ Tradução nossa: “Para Quiroga, só existe uma coisa pior que a desautorização de seu partido e a queixa das vítimas do terrorismo: o elogio aos verdugos”.

³¹ Mudou-se o modo verbal na paráfrase em virtude das seguintes acepções em língua espanhola: “*no + creo que + verbo no modo subjuntivo*” ou “*creo que + no + verbo no modo indicativo*”.

³² Tradução nossa: “Por meu conhecimento dos obituários, cheguei à conclusão de que ali havia tomate”.

³³ Tradução nossa: “Passam-se três páginas e Ramos, o zagueiro sentindo muito, adverte a Benítez que, por Deus e de novo, ‘as coisas na cara’”.

³⁴ Tradução nossa: “Mas está visto que não aprendemos nada si desdenhamos tanto o talento emergente que vamos abafá-lo à força de impedir que se expresse”.

³⁵ Tradução nossa: “Temos conflito em Catalunha para muito tempo. Aqui se vale do que se dizia fazendo um mau uso do castelhano em Euskadi: ‘O conflito vasco’”.

³⁶ Tradução nossa: “Pensamos que nos movíamos mais e não é verdade. Estamos silenciando aos que vem detrás, aos que tem a idade para serem nossos filhos, à força de lhes pagar salários miseráveis, de mantê-los como eternos bolsistas”.

³⁷ Tradução nossa: “Tem idades para tudo. Sempre se disse. Tem uma idade para lutar contra os tópicos e está bem que assim seja. E outra em que se vai admitindo que alguma razão tinham”.

³⁸ Tradução nossa: “Não seja você mesmo. Seja uma pizza. Todos nós gostamos de pizza”. Disse-o Este livro te quer, o manual de autoajuda de PewDiePie (Ed. Malpaso) “.

³⁹ Essa correspondência Sujeito = fonte, verbo = marcador evidencial, Objeto = conteúdo comunicado se dá somente nos casos de evidencialidade marcada mediante a classe morfológica ‘verbo’.

- AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. New York: Oxford University Press, 2004.
- AIMC. *Resumen general de resultados EGM – febrero a noviembre 2015*. Disponível em: <<http://www.aimc.es/-Datos-EGM-Resumen-General-.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change and mental maps: typologically regular asymmetries. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Ed.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986. p.188-202.
- CALDAS, Jane Eyre Martins. *La evidencialidad en lengua española: un análisis funcionalista en noticias*. 2016. 134 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Espanhol) – Curso de Letras Espanhol (noturno), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- CARRO, María Jesús Casals. La columna periodística: de esos embusteros días del ego inmarchitable. *Estudios Sobre El Mensaje Periodístico*, Madrid, v. 6, p. 31-51, 2000.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos do [diski] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(2), p. 305-335, 2011.
- CONNOLLY, John H. Context in functional discourse grammar. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 2, n. 51, p. 11-33, 2007.
- DIK, C. S. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- ESPINOSA, Pastora Moreno. Opinión y géneros en el periodismo electrónico: redacción y escritura. *Ámbitos: revista andaluza de comunicación*, Sevilla, n. 16, p. 123-149, 2007.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Grammar and context in Functional Discourse Grammar. 2014. *Revista Pragmatics*, v. 24, n. 2, p. 203-227, 2014.
- LAZARD, G. On the grammaticalization of evidentiality. *Journal of Pragmatics*, n. 33, p. 359-367, 2001.
- MELO, José Marques de. Gêneros opinativos. In: MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. Cap. 4. p. 101-192.
- PESSOA, N. P. *Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional*. 2011. 221f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- PRATA, N. P. P.; SILVA, I. L. L.; VIDAL, R. P.; CALDAS, J. E. M.; SILVA, D. S. F. A evidencialidade em textos jornalísticos escritos em língua espanhola. In: PRATA, N. P. P.; PEREIRA, G. C.; PONTES, V. O.; ADERALDO, M. F. (Org.). *Espanhol em pauta: perspectivas teórico-analíticas*. Curitiba: Appris, 2017. v. 1, p. 27-41.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Disponível em: <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/dpd>>. Acesso em: 07 jul. 2017.
- REYNA, Susana González. La columna. In: REYNA, Susana González. *Géneros periodísticos 1: periodismo de opinión y discurso*. 2. ed. México: Trillas, 1999. Cap. 5. p. 93-106.

SILVA, D. S. F. da. *La evidencialidad en lengua española: un análisis funcionalista en artículos de j-blogs*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Espanhol) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SILVA, Izabel Larissa Lucena. *A Expressão da Evidencialidade no português escrito do Século XX no contexto de gêneros textuais*. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

Para citar este artigo

VIDAL, Renata Pereira; PRATA, Nadja Paulino Pessoa; SILVA, Izabel Larissa Lucena. A evidencialidade em colunas jornalísticas escritas em espanhol. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 2, p. 354-376, maio-ago. 2018.

As autoras

Renata Pereira Vidal é graduada em Letras-Espanhol, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Aluna do Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras (Celest), da UFC.

Nadja Paulino Pessoa Prata é doutora em Linguística. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (DLE/UFC) – Unidade de Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFC), em Fortaleza/CE, Brasil.

Izabel Larissa Lucena Silva é doutora em Linguística. Professora do “Instituto de Humanidades e Letras (Curso de Letras – Língua Portuguesa)” na “Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira” (UNILAB), em Redenção/CE, Brasil.